



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 70

## Sonia Maria Sampaio Alem

**Branca Vianna:** Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

O golpe que deu início à ditadura militar no Brasil tá completando 60 anos por esses dias. Digo "por esses dias" porque até a própria data do golpe é tema de disputa – se foi em 31 de março, se foi em 1º de abril...

Essa disputa – e todas as outras relacionadas de uma forma ou de outra com a ditadura militar – não vêm ao caso no episódio de hoje. Porque – por mais que os militares tenham feito tudo pra jogar o máximo de informações possível pra baixo do tapete da história – tem coisas que não tem como contestar. Que são fatos. Que deixaram rastros.

Teve gente que arriscou a própria vida pra preservar esses rastros. Tem gente que tá até hoje tentando juntar peças desse quebra-cabeças e reconstruir essa história. E tem gente que só agora tá conseguindo fazer sentido de passagens da própria história, a partir de peças encontradas desse quebra-cabeças.

E eu não vou dizer mais nada, porque essa história que a gente vai contar hoje fala por si. Quem foi atrás dela foi o Vitor Hugo Brandalise.

---

**Vitor Hugo Brandalise:** Uma das lembranças mais marcantes que a Valéria tem da infância dela é de um dia em que ela tinha 6 anos.

**Valéria:** Veja só, é... a minha mãe, em 72...

**Vitor Hugo Brandalise:** 1972. A família toda reunida na sala de casa...

**Valéria:** Na sala da casinha onde a gente morava. Eu, ela, meu pai...

**Vitor Hugo Brandalise:** ... vendo TV. Tava passando o jornal. A Valéria lembra da imagem em preto e branco, toda chuviscada. E da mãe, sentada do lado dela no sofá.

**Valéria:** Junto comigo, assim, e a mulher falando...

**Vitor Hugo Brandalise:** A mulher, a âncora do telejornal, traz uma notícia policial... Sobre três "terroristas" que foram mortos pela polícia num restaurante no bairro da Mooca, em São Paulo.

**Valéria:** Falando o nome "Olha a fulana, que foi morta..."

**Vitor Hugo Brandalise:** A Valéria era muito pequena, ela não guardou os nomes daquelas três pessoas mortas. Mas ela ouviu a âncora falar que eram dois homens, e que esses homens tinham vários codinomes.

**Valéria:** Usava outros nomes e tal e tal...

**Vitor Hugo Brandalise:** A terceira pessoa assassinada foi uma mulher, que também usava vários nomes. Um desses nomes a Valéria nunca esqueceu de ter ouvido a jornalista falar na TV:

**Valéria:** Sonia Maria Sampaio Alem.

**Vitor Hugo Brandalise:** Essa notícia ficou marcada na memória da Valéria não porque a família dela tivesse qualquer envolvimento com a luta armada na ditadura militar ou porque eles conhecessem algum dos três "terroristas" – ou revolucionários – mortos pela polícia naquela emboscada, mas porque aquele nome, sim, era muito conhecido deles.

**Valéria:** Sonia Maria Sampaio Alem.

**Vitor Hugo Brandalise:** Sonia Maria Sampaio Alem. A mãe da Valéria.

**Valéria:** E me lembro da minha mãe muito nervosa. "Nossa, ela usou o meu nome, ela usava o meu nome".

**Vitor Hugo Brandalise:** A família toda saiu meio desbaratada, tentando entender o que fazer.

**Valéria:** O meu avô tinha um amigo promotor, e esse amigo promotor trouxe para o meu avô um jornal impresso, em que havia essa notícia do nome da minha mãe sendo usado "por uma bandida". Era assim que era visto, né? Era 1972, né? Uma bandida que estava usando vários codinomes, e entre eles estava o nome da minha mãe. O meu avô questionou: "Nossa, temos que fazer alguma coisa..."

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas aí o promotor tranquilizou ele.

**Valéria:** Ele disse: "Olha, ela morreu", né? "Então acho que não há necessidade da gente ir atrás, de procurar alguma coisa que possa dar problemas, assim, pra Sonia".

**Vitor Hugo Brandalise:** Com o conselho do promotor, a família toda sossegou. Mesmo porque, nessa época, a Sonia Maria Sampaio Alem tinha mais o que fazer.

**Valéria:** Porque a minha mãe se casou com 18 anos e eu nasci quando ela tinha 19. Ela engravidou na lua de mel. E aí, logo depois de dois anos, veio minha irmã. Depois, passados mais três anos, uma outra irmã.

**Vitor Hugo Brandalise:** Naquele 14 de junho de 72, a Sonia tinha acabado de completar 25 anos. E de ter a terceira filha.

**Valéria:** Então a vida da minha mãe foi assumir uma casa e filhos, entendeu? Com essa idade. Uma jovem senhora moradora do interior, criando suas filhas no interior, entendeu?

**Vitor Hugo Brandalise:** A Sonia nasceu e morou a vida inteira em Ibitinga – uma cidade pequena no interior de São Paulo, perto de Araraquara, Ribeirão Preto e Bauru.

**Valéria:** É “a cidade do bordado”.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Capital Nacional do Bordado. Eu adorei isso.

**Vitor Hugo Brandalise:** Nossa, lindos os bordados, tô dando um Google aqui, olhando as imagens, já apareceu umas almofadas maravilhosas.

**Vitor Hugo Brandalise:** Depois você dá um Google lá também.

**Vitor Hugo Brandalise:** “Ibitinga bordados!”

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas a Sonia não é bordadeira. Ela se formou professora normalista, e chegou a dar aula numa escola rural... Tudo bem típico de uma vida no interior. Inclusive o que veio depois.

**Valéria:** O meu avô, o pai dela, tinha uma visão, assim, muito da época, de "ou você vai estudar ou você vai casar. Se você casar você não vai estudar". E ela, apaixonada que estava pelo meu pai, foi casar. Ela deixou de lado o magistério. E eu acho que ela se realizou, vamos dizer assim, com as filhas.

**Vitor Hugo Brandalise:** Todas as filhas estudaram, fizeram faculdade... um grande orgulho pra Sonia.

A Sonia sempre foi muito “conversadeira”. E, logo depois daquela noite – daquela notícia no telejornal –, quando ela queria puxar assunto com alguém, ela contava do "causo" da guerrilheira que usava o nome dela. Mas, depois de um tempo, nem isso mais. E essa memória ficou ali, guardada na cabeça da Valéria... Mas ela deixou uma espécie de efeito residual. Um certo fascínio.

**Valéria:** Eu sempre tive uma curiosidade com esse período da história, né? Eu lembro de falar pra minha mãe: "Nossa, mãe, existe tanta coisa na sua época, são tantas músicas legais, tantos filmes..."

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu também tenho esse fascínio, essa curiosidade sobre o período da ditadura. E eu sei que eu e a Valéria não estamos sozinhos nessa. A ditadura foi um capítulo tenebroso da história brasileira.

Com muita morte, muita perseguição, tortura, censura, tudo isso, e também com muita coragem de quem tava na linha de frente, lutando pela redemocratização. Foi um período que serve de referência até hoje pra literatura, pro teatro, pra música... e, claro, pra pesquisa. Informalmente, a Valéria faz as pesquisas dela também.

**Valéria:** Eu sou da geração Barsa, né, Vitor? A professora curiosa [risos].

**Vitor Hugo Brandalise:** A Valéria Alem de Biazzi é professora de português. Ela dá aula no ensino médio desde os anos 90. Sempre em Ibitinga, onde ela também mora até hoje.

Mas foi nas horas vagas que ela pegou essa experiência de pesquisa na Barsa e começou a aplicar no Google, no Youtube.

**Locutor:** *"As Emissoras Associadas de Rádio apresentam Retrospectiva 1972..."*

**Vitor Hugo Brandalise:** A Valéria passou a colecionar "recortes" da época que ela encontra na internet. Tipo essa retrospectiva do ano de 1972 na Rádio Tupi, que ela me mandou.

**Locutor:** *"Vitórias e derrotas da humanidade em mais um ano".*

**Valéria:** Então eu mando para você ouvir, porque ali tem inclusive, assim, músicas da época, sabe?

**Vitor Hugo Brandalise:** Inclusive o grande sucesso no rádio no mês de junho de 1972 – que foi o mês daquela notícia no telejornal.

**Locutora:** *Durante o mês de junho, Moacyr Franco reviveu seus bons tempos, ocupando o lugar de destaque nas paradas de sucesso com a música "Eu nunca mais vou te esquecer".*

**Moacyr Franco:** *"Eu nunca mais vou te esquecer..."*

**Valéria:** Então acho que isso tudo mexe comigo, de alguma maneira.

**Vitor Hugo Brandalise:** Aquele período mexe com a Valéria, isso tava claro. Mas ela nunca tinha ligado os pontos... até o começo do ano passado.

**Moacyr Franco:** *"Eu nunca mais vou te esquecer."*

**Valéria:** Alguma coisa me lembrou a ditadura militar, e veio à minha mente essa história que eu conhecia de a minha mãe contar. Eu falei: "Poxa, eu nunca coloquei o nome da minha mãe no Google". E um documento que me chamou atenção. "Mulheres e militância na ditadura militar brasileira". E tava lá: o nome da minha mãe, completo: "Sonia Maria Sampaio Alem".

**Vitor Hugo Brandalise:** Sonia Maria Sampaio Alem. O nome completo da mãe dela, que foi usado por uma militante contra a ditadura. A história, que até ali não

passava de uma memória esquisita de infância, voltou com tudo. E voltou com uma série de perguntas.

**Valéria:** Quer dizer: como que esse nome foi usado? Ela tinha documentos, será, com o nome da minha mãe? Como que as mulheres usavam esse tipo de nome que eles chamam de "nome de guerra", né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Entre todas essas perguntas que a Valéria nunca tinha se feito, tinha outra ainda. Uma pergunta crucial. Quem era aquela mulher que usava o nome da mãe dela, e que foi assassinada pela polícia em 14 de junho de 1972?

**Valéria:** E essa moça se chama Ana Maria Nacinovic Corrêa.

**Vitor Hugo Brandalise:** Essa moça que usava o nome da sua mãe.

**Valéria:** Que usava o nome da minha mãe. E ela tem uma história muito intrigante. Muito, muito corajosa, sabe.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Valéria ficou fascinada por aquela mulher.

**Valéria:** De lutar contra a opressão, contra a ditadura, contra um regime que não te dá liberdade pra falar o que você pensa. Muito menos pra mulher falar o que pensa.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ela viu que a Ana Maria Nacinovic nasceu no Rio de Janeiro; que ela era de classe média, que tinha estudado num colégio de freiras em Ipanema... Ela descobriu onde a Ana Maria tinha começado a militância dela na Escola de Belas Artes. Ela achou qual organização política de que a Ana Maria fazia parte.

**Valéria:** E foi lá que ela teve o primeiro contato com a ALN.

**Vitor Hugo Brandalise:** A ALN, a Ação Libertadora Nacional – uma das principais organizações de luta armada contra o regime militar. O Carlos Marighella era o líder.

**Valéria:** Ela viveu um bom período participando dessa ALN antes de ser morta.

**Vitor Hugo Brandalise:** E teve um detalhe que a Valéria não deixou escapar.

**Valéria:** Ela era exatamente da idade da minha mãe. Exatamente. A minha mãe é de 47. A minha mãe é de junho, e acho que a Ana Maria era de março, que eu vi na ficha dela. E aí, isso me deixou mais

intrigada com a história. Porque a minha mãe era uma jovem senhora cantando "Apesar de você" e achando que era uma música de amor.

**Vitor Hugo Brandalise:** "Apesar de você": uma canção de amor. De dor de cotovelo, pra ser mais exato. Não dá pra culpar a Sonia. Muita gente ouvia assim. Até o censor da ditadura que deixou passar.<sup>1</sup>

**Valéria:** Numa cidade mais tranquila, mais pacata, imagina na época?

**Vitor Hugo Brandalise:** Quando a gente pensa na época da ditadura, a gente pensa muito – quer dizer, *eu, pelo menos*, penso muito – nos compositores – Chico, Gil, Caetano – indo pro exílio... nos militantes, estudantes, guerrilheiros perseguidos, torturados...

E também nos milicos, claro. Nos colaboracionistas, nos dedos-duros... quando muito a gente pensa nos "chapa branca", nos que tapavam o olho. Mas muitas vezes a gente esquece que – ainda mais numa época de tanta censura não só nas artes, mas na imprensa – muita gente que tava com o olho tapado não era por vontade própria...

Mas enfim, quando a Valéria olhou pra vida – fascinante, corajosa, heroica – da Ana Maria Nacinovic e olhou de volta pra vida pacata da mãe dela, pra verdadeira Sonia Maria Sampaio Alem, era difícil não comparar. E não se perguntar: como é que essas duas vidas tão diferentes se cruzaram?

**Valéria:** É muito intrigante, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** A Valéria escreveu pro nosso e-mail, aqui do Rádio Novelo Apresenta, pra ver se a gente conseguia ajudar ela a entender como é que o nome de uma dona de casa de Ibitinga foi adotado por uma guerrilheira que arriscava a vida na luta armada nos grandes centros urbanos do país.

Pra começo de conversa: Sonia Maria Sampaio Alem não é um nome comum, né? Que dá pra inventar. E "Alem", esse sobrenome diferente.

A Ana Maria Nacinovic não ia escolher do nada o nome "Sonia Maria Sampaio Alem". E a Valéria queria saber como é que a Ana Maria pegou esse nome. A

---

1

<https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/apesar-de-voce-o-hino-de-chico-buarque-que-dita-dura-censurou-depois-levar-por-debaixo-das-pernas.html>

Valéria queria ajuda pra resolver esse mistério... Mas não é que ela ia me deixar trabalhando sozinho nessa investigação.

**Valéria:** A gente vai se falando.

**Vitor Hugo Brandalise:** Vamos, sim, obrigado, Valéria.

**Vitor Hugo Brandalise:** Foi mal a gente desligar o telefone... e ela começou imediatamente a me mandar mensagens. Com pistas.

**Valéria:** Estou me sentindo uma detetive [risos], consegui achar os documentos na internet.

**Vitor Hugo Brandalise:** E aí – antes mesmo que eu pudesse soletrar “A-L-N” – ela me mandou uma peça que tá no centro desse mistério de mais de 50 anos: uma foto do documento que conecta a história da mãe dela com a da guerrilheira. Uma carteira de identidade perfeita, igualzinha à que é emitida pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, com os dados todos da Sônia: Número do RG; Data de nascimento; Nome dos pais... Tudo idêntico. A única diferença à primeira vista era a foto – que não era a da Sonia, que tinha o cabelo curto naquela época e sim a foto da Ana Maria Nacinovic, com os cabelos longos. Parecia uma réplica perfeita do documento da mãe da Valéria – só que com a foto de uma outra pessoa.

No campo da assinatura tá lá, bem legível: “Sonia Maria Sampaio Alem”. Uma assinatura bonita, com uma voltinha estilizada no “m” do “Alem”, bem caprichada. Só que com uma caligrafia que não era a da Sonia.

**Valéria:** Eu sempre gostei muito de investigação, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** E essa foi só a primeira pista, entre muitas que a Valéria me mandou. Ela encontrou esse documento fazendo uma busca no site do “Brasil Nunca Mais”, que é o maior repositório de informações sobre a repressão na ditadura militar. Tem centenas de milhares de documentos lá, qualquer um pode pesquisar, de graça. O link tá lá no site da Rádio Novelo.

**Valéria:** Adoro filme de investigação...

**Vitor Hugo Brandalise:** A Valéria tava se sentindo uma detetive, com a curiosidade renovada, e a experiência de anos de pesquisa na Barsa, agora nos acervos online.



E eu – que também já pesquisei em muita enciclopédia nessa vida – ia ser o parceiro dela.

**Valéria:** Eu estou anotando numa agendinha minha antiga, tá, Vitor? Pra não perder nada, assim.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Valéria pegou a agenda, eu peguei o meu bloquinho. E escrevi, no topo da página: “aproximar as trajetórias díspares”.

**Vitor Hugo Brandalise:** A sua mãe nasceu em Ibitinga e sempre morou aí?

**Valéria:** Sim, sempre.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Ana Maria Nacinovic era integrante do Grupo Tático Armado da ALN – o GTA, o chamado “grupo de fogo” e foi assumir justo a identidade de uma jovem senhora de Ibitinga. À primeira vista, as trajetórias não tinham nada a ver. Mas será que não tinham, mesmo?

**Vitor Hugo Brandalise:** Voltando pra adolescência dela, bailinhos na época de adolescente, Jovem Guarda... Tinha clube, por exemplo, em Ibitinga, que ela frequentava?

**Valéria:** Tinha o Clube Recreativo Ibitinguense. Esse clube, na verdade, era de jogos e bailes, sabe? Não era um clube, digamos, ao ar livre.

**Vitor Hugo Brandalise:** Não era com piscinas, essas coisas, não.

**Valéria:** Piscina, não, nada disso.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ok. Quase não viajava, quase não saía de Ibitinga. Uma jovem senhora pacata. E que frequentava um clube... que não tinha piscina. Acho que a Valéria sentiu que o parceiro de investigação dela tava meio perdido... então ela resolveu dar uma dica.

**Valéria:** Ontem à noite eu cheguei ao nome de Maria Claudia Badan Ribeiro. Ela tem um livro, inclusive, a respeito das mulheres na militância.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Valéria nem imaginava o quanto que a dica dela era certa. Esse livro da Maria Cláudia que ela tava falando era o “Mulheres na Luta Armada: Protagonismo Feminino na ALN”. Eu marquei logo de falar com ela.

**Maria Cláudia:** Olá, bom dia! Tudo bem?

**Vitor Hugo Brandalise:** A Maria Claudia começou a pesquisar sobre a luta armada no mestrado dela, na Unicamp.

A escolha de universidade parecia perfeita: a Unicamp era, na época, o principal centro de documentação sobre o período, com um acervo grande de processos da Justiça Militar, e desdobramentos de muitas pesquisas pros campos da sociologia, da antropologia, da história...

**Maria Cláudia:** São 710 processos que percorrem desde o golpe e, nessa documentação, eu via que tinha um monte de mulheres implicadas nessa história e que não apareceu no relato histórico.

**Vitor Hugo Brandalise:** 710 processos.

E nenhum relato histórico – quer dizer, nenhuma entrevista com fins de memória oral feita com mulheres participantes da guerrilha, nenhum — naquele acervo, que era um dos mais completos do país. A Maria Cláudia não se conformou.

**Maria Cláudia:** Eu fiz uma lista de 279 mulheres que estavam ou foragidas, processadas, ou sendo buscadas. E aí, foi assim, eu conheci uma que foi indicando a outra.

**Vitor Hugo Brandalise:** Além do resultado da pesquisa dela, a Maria Claudia podia ajudar a gente a chegar em quem conviveu com a Ana Maria Nacinovic.

Ela podia ajudar a entender melhor o mundo que a Ana Maria habitou – e como ele se conecta com o da Sonia.

Tinha uma característica da ALN que facilitava – ou pelo menos não impedia as mulheres de conseguir ocupar esses lugares.

**Maria Cláudia:** A ALN tinha uma maneira de atuar um pouco mais aberta do que os outros grupos. É definida como uma organização de

linha horizontal. Então, as mulheres se identificaram muito com a organização, porque podiam dar essa colaboração.

**Vitor Hugo Brandalise:** A ALN surgiu de uma dissidência do Partido Comunista, e tinha como proposta combater a ditadura por meio de ações armadas. Pros integrantes da ALN, se o regime militar agia de maneira arbitrária, ilegal, o enfrentamento não podia ser só no campo político, de embate de ideias.

A ALN foi a maior organização da esquerda armada no Brasil – isso é o que normalmente é aceito. O que tem divergência é sobre o número de integrantes da organização: pra alguns pesquisadores, tinha algumas centenas; já outros dizem que, no auge da guerrilha, na virada dos anos 60 pros 70, a ALN chegou a ter mais de 10 mil militantes pelo país.

**Maria Claudia:** O GTA, Grupo Tático Armado, era aquele grupo que fazia operações militares. Por exemplo: sequestravam um embaixador, tiravam o dinheiro do banco. Porque tinha muita mulher que era do GTA, por exemplo, que rendia quartéis ou guardas, entendeu?

**Vitor Hugo Brandalise:** A Ana Maria fazia parte, né?

**Maria Claudia:** A Ana Maria fazia parte. Ana Maria era a mulher da metralhadora. Ela aprendeu a atirar nas praias do Rio de Janeiro, nas praias desertas em Niterói.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Maria Cláudia conhece muito da vida da Ana Maria Nacinovic por causa da pesquisa dela. Mas não só por causa disso.

**Maria Claudia:** Estudando, entrevistando gente, convivendo com esse meio de militantes, eu acabei me casando com o Carlos Eugênio Paz...

**Vitor Hugo Brandalise:** Maria Claudia foi casada com uma figura conhecida da luta armada: o Carlos Eugênio Paz, o Clemente.

**Maria Claudia:** Foi um dos guerrilheiros mais perseguidos na época...

**Vitor Hugo Brandalise:** Foi ele quem assumiu o comando da ALN depois que o Marighella foi assassinado. E o Clemente também era viúvo da Ana Maria Nacinovic.

**Maria Claudia:** A gente ficou 12 anos juntos.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Ana Maria sempre foi uma presença na vida do casal – e pra além do interesse acadêmico.

**Maria Claudia:** Ah, foi a primeira mulher com quem ele viveu, e marcou ele muito. Ele era apaixonado por ela. Eu acho que nunca deixou de amá-la, sabe? Mas, eu falava para ele: "Ah, eu não me importo. Se você amou a Ana Maria, eu amarei a Ana Maria também".

**Vitor Hugo Brandalise:** Quer dizer: quando a Valéria me recomendou o livro da Maria Cláudia, ela não tinha ideia do tanto que a Maria Cláudia sabia sobre a mulher que usava a identidade da mãe dela.

**Maria Claudia:** E a Ana Maria era uma mulher muito corajosa. Ela era uma carioca típica de Copacabana, Leme, né? O pai dela era engenheiro da Siderúrgica Nacional. Os pais se separaram quando ela era jovem. Ela fazia o científico numa escola religiosa, no Rio, e queria fazer Matemática.

**Vitor Hugo Brandalise:** E teve um evento que marcou a trajetória da Ana Maria, quando ela ainda era muito jovem. Bom, ela morreu com 25 anos, então ela sempre foi muito jovem... mas a gente tá falando de muito jovem mesmo, logo que ela terminou o colégio.

**Maria Claudia:** Ela conheceu o Albernaz Corrêa, que era militar, e se casou com ele.

**Vitor Hugo Brandalise:** Antes de entrar pra guerrilha, a Ana Maria foi casada com um militar.

**Maria Claudia:** E era pró-regime.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Ana Maria casou e foi morar com o marido em Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, na fronteira com o Paraguai.

**Maria Claudia:** Viver aquelas coisas que os militares são transferidos para outras regiões.

**Vitor Hugo Brandalise:** E não deu nada certo.

Eu escutei alguns relatos de como esse marido tratava a Ana Maria – que eu não posso reproduzir aqui, porque não dá mais pra provar.

Mas, pra dar uma ideia da natureza dessa relação da Ana Maria com o Albernaz, eu posso contar de uma coisa que aconteceu anos depois da separação dos dois... e que tá registrada em dois livros que eu li sobre período - o "Mulheres que foram à luta armada", do Luiz Maklouf Carvalho, e o "A Casa da Vovó", do Marcelo Godoy.

Nos dois livros, os dois jornalistas contam que o Albernaz Corrêa, capitão do Exército, chegou a participar de operações pra tentar capturar a ex-mulher, quando ela tava clandestina.

**Maria Claudia:** Uma coisa que o Clemente contou muito assim... Ela foi até combater tudo aquilo que esse marido representou na vida dela também. Quando eu falo da Ana Maria Nacinovic, eu paro no Nacinovic. Eu não uso o Corrêa dele. A relação foi muito conturbada, um casamento muito mal feito. Ela termina esse casamento. Ela volta para o Rio de Janeiro, começa no movimento estudantil e entra em Belas Artes.

**Vitor Hugo Brandalise:** É na Escola de Belas Artes da UFRJ que a Ana começa a atuação política dela.

**Maria Claudia:** A mãe da Ana Maria era contra, achava que ela andava com más companhias.

**Vitor Hugo Brandalise:** Dá pra imaginar que, no momento mais repressivo da ditadura militar, uma mãe não quisesse a filha metida com militantes de esquerda... era perigoso. E não podia ser mais diferente do caminho que a mãe tinha projetado pra ela.

**Maria Claudia:** Classe média carioca, vamos dizer assim: colégio religioso, curso de piano... e era uma mulher muito bonita. Todo mundo dizia: "Ninguém olhava para Ana Maria uma vez só. Olhava uma, olhava duas...". E ela era muito bem humorada, muito alegre. Brincava com as mulheres: "Ai, ser virgem dá câncer. Vocês têm que ser liberadas!". Tocava violão muito bem.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu conversei com um companheiro de militância que tava na primeira reunião da ALN que a Ana Maria participou. Ele lembra que a Ana levantou o braço e falou: "Se é pra fazer guerrilha, vamos fazer guerrilha, eu não tô pra brincadeira". Ela tava ansiosa pra fazer o treino de tiro. Em pouco tempo, a Ana Maria foi ganhando mais responsabilidades.

**Maria Claudia:** Ela fazia parte da coordenação regional do Rio de Janeiro, já sendo procurada, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Ela participou de assalto a banco, da tomada de carros nas ruas...

**Maria Claudia:** Ela tinha dois codinomes, que eram Betty e Renata.

**Vitor Hugo Brandalise:** Betty e Renata. Nada de Sônia Maria. Ainda. O rosto da Ana Maria – da Betty, da Renata — logo foi parar nos cartazes de "procura-se". "Bandidos", "terroristas", "procurados".

Com isso, a Ana Maria não tinha mais como manter contato com a família e com os outros laços de antes da militância... então ela acabou entrando de vez pra clandestinidade.

**Maria Claudia:** Essa questão da clandestinidade, o esforço para você adotar uma outra personalidade, tem que ser compatível com a sua idade, com o seu histórico. Você acostumar a ser chamada por um outro nome, você adotar essa nova identidade. Vai adotando estratégias de sobrevivência num cerco.

**Vitor Hugo Brandalise:** E esse cerco tava se fechando em torno da ALN. Em setembro de 69 — bem na época que a Ana Maria entrou — muita gente da ALN foi presa. E, em novembro, o Carlos Marighella foi assassinado em São Paulo.

O impacto da morte do líder da organização – dá pra imaginar – foi enorme. A ALN precisou ser toda rearranjada. Gente de São Paulo mudando pro Rio, gente do Rio indo pra São Paulo.

A Betty, a Renata, era uma dessas pessoas que ia precisar se mudar. E pra isso era preciso preparo – uma nova identidade, por exemplo.

**Maria Claudia:** Ela precisava de documentos falsos. Esse documento dela pode ter aparecido nesse momento da chegada a São Paulo.

**Vitor Hugo Brandalise:** Com um nome novo no documento, a Ana Maria ia viver os momentos mais espetaculares – e mais difíceis – da vida dela.

Enquanto eu tentava traçar como foi que a Ana Maria conseguiu essa nova identidade, a filha da Sônia Maria de verdade, a Valéria, minha parceira de

investigação, tava trabalhando na paralela. E ela tinha feito uma descoberta – um fato que tinha potencial de mudar tudo.

**Valéria:** Oi, Vitor, boa noite. Você não sabe o que eu descobri. Quando eu vi, falei: "Gente, não me conformo".

**Vitor Hugo Brandalise:** Aí ela viu que o documento da mãe dela tinha sido tirado em abril de 1970.

Quer dizer: tinha chance de essa identidade da mãe dela ter sido feita justamente quando a Ana Maria tava em busca de um documento. Um dado relevante na cronologia dessa história. Mas o que ela concluiu parecia mais relevante ainda.

**Valéria:** Cada vez mais eu chego à conclusão que minha mãe perdeu esse documento dela.

**Vitor Hugo Brandalise:** Fazia todo o sentido. A Sonia tinha perdido a carteira de identidade, lá em 1970... Essa identidade tinha caído nas mãos de alguém da ALN e ido parar com a Ana Maria. Lógico!

Num texto publicado no *O Guerrilheiro*, o veículo oficial da ALN, tem lá um mandamento: "aproveitar todas as oportunidades que se ofereçam". A Valéria me falou de algumas viagens que a mãe dela fez – pra Santos, pra Guaratinguetá... ela deve ter deixado a identidade cair. E alguém aproveitou.

A Valéria matou a charada. E, de quebra, ela tinha conseguido uma coisa que ela vinha me prometendo por semanas.

**Sonia:** Toco piano, que nem ela. Eu toco piano, toco sanfona e toco violão.

**Vitor Hugo Brandalise:** Que maravilha.

**Sonia:** Eu eu gosto muito de música.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu tava ansioso pra falar finalmente com uma das protagonistas dessa história.

**Sonia:** Eu sou Sonia Maria Sampaio Alem, dona de casa, mãe de quatro filhas, casada com Eduardo, e levei a minha vida criando minhas filhas. Fui formada como professora, naquela época fiz o curso

normal, mas dei aula pouquíssimo tempo, porque as filhas vieram preencher a minha existência e eu amei.

**Vitor Hugo Brandalise:** Além de mim e da Sonia, estavam na chamada também a Valéria e o Eduardo – o marido da Sonia, pai da Valéria.

**Vitor Hugo Brandalise:** Dona Sonia, e o que que ficou dessa história, pra você?

**Sonia:** Na ocasião, pra mim eu vi aquilo, achei: “Olha que curioso, está usando o meu nome”. Mesmo porque eu não tinha nem conhecimento real assim do que acontecia em São Paulo. Porque eu confesso a minha ignorância. Eu tava muito curtindo música, não – filhas, primeiro de tudo, depois música, tudo. Então eu não estava preocupada e eu não sabia.

**Valéria:** Tava alienada, né, mãe? [risos]

**Sonia:** É, eu era alienada... [risos] era uma tristeza, mas que que eu vou fazer?

**Vitor Hugo Brandalise:** Como tantos outros brasileiros – tanta gente em qualquer lugar, lá atrás durante a ditadura, seja num passado recente, quando a gente estava vivendo de novo a ameaça à democracia, seja hoje em dia, enfim – como tanta gente, a Sonia e o Eduardo estavam alienados. Estavam vivendo a vida deles como se tantos direitos não tivessem suspensos, como se não tivesse gente sendo torturada, assassinada... Até porque se hoje em dia a gente ainda tem tão pouca clareza sobre os crimes cometidos pelo Estado naquele período, imagina o que que circulava de informação pra um público geral naquela época? Com base no que eles viram na TV naquela noite de 72, pra Sonia e pro Eduardo, a Ana Maria Nacinovic era uma bandida.

**Eduardo:** Pra mim era uma bandida que tinha pego. Onde ela pegou o documento da minha mulher? Onde ela arrumou esse documento?

**Sonia:** Quem me chamou a atenção agora, faz pouco tempo, foi a Valéria. Agora eu fiquei sabendo que ela é uma revolucionária, e mudou completamente. Eu pude entender que não era uma bandida, que era uma moça que se ligou a uma causa e, assim, a quantidade de pessoas que morreram e foram dizimadas praticamente. Eu defendo a causa deles também. Porque apesar de eu ter ficado alienada, hoje eu sei que aquilo era uma coisa boa... Eu acho que, se eu ajudei, eu fico contente, viu? Talvez ela tenha visto a minha fotografia, achou que eu passasse uma coisa confiável, assim, né?



**Valéria:** É... Eu acho que era até uma proteção pra ela. Você ajudou, né, mãe?

**Sônia:** Eu ajudei. [risos]

**Vitor Hugo Brandalise:** A Valéria descobriu quem era a mulher que usava a identidade da mãe dela... viu que não era uma bandida, mostrou isso pros pais dela... Mas isso não resolve a dúvida principal que fez a Valéria procurar a gente: como é que o documento da Sonia Maria foi parar na mão da Ana Maria?

**Sonia:** Não faço a menor ideia. Não faço.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Sonia não tinha a menor ideia, mas a Valéria tinha uma hipótese.

**Vitor Hugo Brandalise:** O que a Valéria acha é que você pode ter perdido no meio do caminho.

**Sonia:** Não, nunca perdi. Nunca perdi. Porque nós não somos nem pessoas assim de viajar muito, sabe? Viajar era daqui até na praia, sabe? Mas nunca perdi.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu olhei pra Valéria – então tinha um furo nessa teoria?

**Vitor Hugo Brandalise:** Então, uma coisa que a Valéria me falou é que assim a senhora casou com o seu Eduardo, vocês casaram em 1965.

**Sonia:** Isso.

**Vitor Hugo Brandalise:** E a tua identidade, aquela, é de abril de 1970. Cinco anos depois. E está lá: Sonia Maria Sampaio Alem, o teu nome completo.

**Sonia:** Isso.

**Vitor Hugo Brandalise:** O que a Valéria acha é que você possivelmente teria feito um outro documento antes, com o seu nome completo. Por que você esperou cinco anos para fazer uma identidade com teu nome completo?

**Sonia:** Posso explicar uma coisa pra você? Isso daí mostra a falta de importância que a mulher tinha na época. Entendeu? Não tinha, não tinha importância. Eu não precisei nem de documento, nem pra casar,

entendeu? Eu acho que a mulher era relegada à posição de subordinada do marido e pronto.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Sonia ia fazendo essa reflexão... e eu ia pensando numa coisa que a Valéria me disse antes dos pais dela entrarem na conversa.

**Vitor Hugo Brandalise:** Por que que é importante pra você descobrir como foi que o nome da sua mãe foi parar com a Ana Maria?

**Valeria:** Eu acho que é colocar a minha mãe um pouco dentro da história, talvez.

**Vitor Hugo Brandalise:** Agora, ao aproximar as histórias das duas, a Valéria tava colocando a mãe dela numa versão da história em que ela tinha autonomia, por exemplo, pra fazer um documento novo na hora que ela quisesse.

**Valéria:** É uma maneira de inserir a minha mãe nesse período de uma outra forma, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Pra você, é importante descobrir como foi que seu nome foi parar com a Ana Maria?

**Sonia:** Eu tenho essa curiosidade. Então eu acho que foi tudo muito escondido, deve ter sido muito destruído tudo o que eles fizeram de papéis, essas coisas. Mas eu tenho essa curiosidade.

**Vitor Hugo Brandalise:** Uhum. Sim.

**Sonia:** Ô Vitor, ela tinha a minha idade?

**Vitor Hugo Brandalise:** Exatamente a mesma idade. Ela nasceu em 47 também.

**Sonia:** Agora eu vou ficar pensando na moça, Vitor. Agora quando eu deitar de noite, vou ficar pensando na moça. [risos]

**Vitor Hugo Brandalise:** Poxa... [risos]

**Vitor Hugo Brandalise:** Bom, a primeira teoria tinha ido por água abaixo. A Sonia não tinha perdido nenhum documento. E se essa resposta não ia vir da Sonia, a saída era falar com gente que conviveu com a Ana Maria nos dias mais perigosos da vida dela.

De todas as pessoas que eu procurei pra essa história, tinha duas em que eu tinha apostado mais fichas de que iam me ajudar com essas pistas. A primeira era a Amparo Araújo, que era armeira da ALN em São Paulo naquele período.

**Amparo:** Bom dia, bom dia, bom dia!

**Vitor Hugo Brandalise:** Bom dia!

**Vitor Hugo Brandalise:** E a segunda era um estudante de Direito que não fazia parte da ALN. Ele era, digamos, um “civil comum”.

**Vitor Hugo Brandalise:** Deixa eu perguntar como é que eu te identifico?

**Maximino:** Pode colocar meu nome completo, Maximino Fernandes Filho, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** A Amparo Araújo conheceu a Ana Maria logo depois do momento mais difícil da vida dela até ali.

**Amparo:** Eu conheci a Ana quando ela conseguiu escapar com vida de uma emboscada, não é? Onde morreram companheiros que estavam com ela...

**Vitor Hugo Brandalise:** Essa emboscada ficou famosa. Ela ficou conhecida como a “Emboscada da Rua João Moura” – porque foi nessa rua, no bairro do Sumarezinho, em São Paulo, que tudo aconteceu. Muita coisa já foi escrita sobre ela. Os próprios militares desenharam um croqui dessa emboscada, com um bonequinho indicando a Ana Maria – esse desenho teve acesso restrito por décadas, mas agora dá pra ver e tá lá no site da Rádio Novelo.

O que não é conhecido é a participação fundamental do Maximino nesse dia.

**Maximino:** E ninguém sabe disso, Vitor, ninguém sabe...

**Vitor Hugo Brandalise:** Tudo começou alguns meses antes, numa lanchonete na Rua Vieira de Moraes, perto do aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Era o lugar onde o Maximino se reunia com amigos, antes de ir pra faculdade.

**Maximino:** Ali, a gente se reunia, costumava sempre ficar lá batendo papo nessa lanchonete de uns amigos nossos. E numa dessas nossas

idas lá na lanchonete, tinha uma jovem muito bonita sentada na lanchonete comendo um lanche.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Maximino tava solteiro, ele achou que podia dar jogo.

**Maximino:** Nós sentamos, trocamos olhares, sentimos que ela estava receptiva, mas não conversamos com ela naquele dia. No outro dia nós fomos na mesma lanchonete, e lá estava a mesma moça. Então naquela noite conversamos com ela. Ela falou: “Ah, meu nome é Betty, e eu estou aqui fazendo um trabalho”, tal, tal, tal, tal. “Ah, vocês vêm sempre aqui”. “Sim, a gente vem todas as noites”. No outro dia, lá estava ela novamente. Aí nós conversamos...

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas aí a coisa já não foi tão leve.

**Maximino:** Aí nesse dia nós estávamos sentados e chegou uma viatura – daquelas viaturas– antiga viatura da Polícia Militar, que era preta e abóbora, era um Volkswagen fusquinha, e um dos policiais militares desceu e entrou na lanchonete, e veio andando em nossa direção. Aí ela ficou muito nervosa e falou: "Olha, vocês me desculpem, mas se esses policiais chegarem a menos de dois metros da gente eu vou ter que atirar neles, vocês se protejam”.

**Vitor Hugo Brandalise:** “Vocês se protejam.”

**Maximino:** E ele veio andando, e ela pôs a mão dentro de uma bolsa, que ela já tinha no colo, ficou com a mão dentro da bolsa. Nós não falamos nada, ficamos perplexos. Aí felizmente o policial parou, ele queria uma informação, ele falou com o dono da lanchonete: "Por favor, onde fica a rua tal?" Aí o Cândido explicou pra ele, ele saiu. Foi um alívio.

**Vitor Hugo Brandalise:** Nossa!

**Vitor Hugo Brandalise:** Todo mundo na mesa imediatamente olhou praquela moça, a Betty.

**Maximino:** E aí então ela falou: “Olha, vocês, desculpem isso tudo, felizmente não aconteceu nada, podia ter acontecido uma tragédia, mas eu sou guerrilheira. Eu sou procurada pela polícia de São Paulo, pelo DOPS, a minha foto está num panfleto pregada nos postes por aí”.

**Vitor Hugo Brandalise:** Caiu o queixo do pessoal.

**Maximino:** A princípio, nós ficamos atônitos, né? Não sabíamos o que falar. E aí conversamos: “Você não tem medo do que pode acontecer?” Ela falou: “É, tenho, mas quando a gente entra nessa vida— eu tô numa vida clandestina, a gente sabe que a qualquer momento a gente já vai partir desta para outra”.

**Vitor Hugo Brandalise:** Depois disso, eles se encontraram mais uma vez e, na hora de ir embora, a Ana Maria fez um pedido cujo significado o Maximino só foi entender um tempo depois. Ela pediu uma carona pra ele até o bairro da Liberdade, onde ficava a faculdade dele...

**Maximino:** Falei: “Vamos”, tal.

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas chegando lá ela não foi embora. Ela quis conhecer a sala de aula dele.

**Maximino:** Eu estudava no terceiro andar, sala 52, acho que era. Ela foi, viu onde era a minha sala e tal. Depois foi lá tchau, tchau, foi embora.

**Vitor Hugo Brandalise:** Depois desse dia, a Ana Maria ficou um tempo sem aparecer.

**Maximino:** Não vi mais ela na lanchonete, perdemos o contato. Até que alguns meses depois, eu tava na sala de aula um dia, e ela abriu a porta. Olhou para dentro, eu olhei e vi que era ela. Ela fez um sinal.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ela parecia tá muito cansada.

**Maximino:** E aí eu saí da sala, ela falou: “Pelo amor de Deus, me socorre que eu tive um problema sério”.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Ana Maria não tinha nem fôlego pra contar em detalhes que “problema sério” tinha sido esse.

**Amparo:** Foi dada uma saraivada de metralhadora nela...

**Vitor Hugo Brandalise:** Tinha sido a tal emboscada da rua João Moura. Na tarde daquele dia, 23 de setembro de 1971, a Ana Maria e outros três militantes da ALN estavam circulando de carro, quando eles se depararam com um jipe do Exército parado na rua. Parecia que o jipe estava enguiçado, e que só tinha um único soldado cuidando do carro.

Os militantes tiveram a ideia de render o soldado e levar o uniforme e as armas dele – como eles costumavam fazer. Só que era uma armadilha. Foi só eles pararem o carro que o soldado soltou a arma e saiu correndo. No mesmo momento, um número enorme de agentes saiu de dentro de carros estacionados na rua.

Três integrantes da ALN foram mortos nessa emboscada. A Ana Maria sobreviveu graças a dois lances espetaculares, que ela contou pra Amparo.

**Amparo:** Na época ela tinha feito um treinamento em que tinham ensinado que ela deveria correr em zigue-zague. Aí ela consegue escapar das balas assim.

**Vitor Hugo Brandalise:** Na fuga, umas quadras pra frente, a Ana Maria ainda cruzou com vários agentes que estavam correndo na direção do cerco.

No meio do susto, ela ainda teve a presença de espírito de apontar pro lugar da emboscada e gritar: “Moço, moço, um tiroteio!”... e seguir em frente.

O que ninguém ainda sabia era o que que a Ana Maria tinha feito depois disso. Nessa hora, logo depois de escapar da morte, ela lembrou de uma pessoa. Ela continuou correndo.

**Maximino:** E ela correu, correu, correu muito...

**Vitor Hugo Brandalise:** E ela foi indo até o bairro da Liberdade, onde ela conhecia uma faculdade, e uma sala de aula específica.

**Maximino:** Sala 52

**Vitor Hugo Brandalise:** Foi quando o Maximino viu aquele rosto conhecido na porta, chamando ele pro corredor.

**Maximino:** E falou do tiroteio, que ela não sabia se os amigos dela tinham sobrevivido ou não.

**Vitor Hugo Brandalise:** Era um feito enorme a Ana Maria ter sobrevivido a essa emboscada. A única sobrevivente. Mas ela tava sendo vigiada, procurada, e não tinha pra onde ir.

**Maximino:** Pedi licença pro professor, saí da sala, desci com ela...

**Vitor Hugo Brandalise:** O Maximino chamou outro amigo deles, e eles foram pra lanchonete de sempre, pra decidir o que fazer.

**Maximino:** Viemos pra lanchonete. Aí então esse amigo lembrou: "Puxa vida!"

**Vitor Hugo Brandalise:** Ele lembrou que estava com a chave da pequena imobiliária onde ele trabalhava, que estava vazia àquela hora.

**Maximino:** E então ele foi e levou a menina lá pra cima, a Betty, passou a noite lá, e de manhã ela foi embora, porque aí ela já tinha um encontro marcado, já se virava.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Ana Maria se virou. E, depois, pros companheiros da ALN, ela contou como foi que ela escapou.

**Amparo:** Pelo que ela me contava, ela admirou bastante essa pessoa, que correu risco de vida também porque não estava livre de ela ser perseguida durante aquele espaço de tempo.

**Maximino:** Ela percebeu que a gente demonstrava uma simpatia muito grande pelos guerrilheiros, pelo que eles estavam fazendo, entendeu? Eu acho que eles tinham que confiar em alguém também que não fosse do grupo da ativa, porque precisava ter essa rede de apoio, se não ia ser muito difícil, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Quando a gente pensa na ditadura, a gente lembra dos guerrilheiros, dos milicos, dos alienados, mas quase nunca pensa naqueles que, pintando uma oportunidade de ajudar, não se faziam de rogados.

**Maximino:** Depois de uns dez dias ela voltou. Conversamos e tal, e depois desse dia, eu nunca mais vi a Ana Maria Nacinovic, que se apresentou como sendo Betty pra gente.

**Vitor Hugo Brandalise:** Foi a Amparo Araújo quem acolheu a Ana Maria depois da emboscada.

**Amparo:** Ela passou muitos dias, ela tomava dois, três banhos por dia, porque ela queria se livrar do cheiro da pólvora. Ela se sentia impregnada por aquele cheiro que devia trazer a lembrança daquele momento tão trágico da vida dela. E ela pedia: "Me cheira aqui pra

ver...” Mas não tinha cheiro, mas ela sentia, estava acho que impregnado na memória olfativa dela.

**Vitor Hugo Brandalise:** Tinham chegado a Ana Maria e mais uma militante, pra Amparo acomodar no aparelho dela.

**Amparo:** E elas ficam guardadas lá em casa até elas se refazerem, né? Eu não consigo me lembrar quanto tempo elas ficaram, porque a dimensão do tempo, naquela época, era outra, não é? Mas possivelmente tenha sido de 15 dias a um mês. Elas estavam confinadas por uma questão de segurança. Elas não podiam sair do quarto. Então eu levava o café para elas, inicialmente, eu tinha que usar uma máscara para elas não me reconhecerem, mas depois liberou. Aí nós tínhamos tarefas imediatas que eram... nós formamos um grupo de estudo, nós tínhamos que estudar, ler os textos de Marighella, Marx, Lenin, Guevara. Eventualmente, a gente lia poesias também. Pablo Neruda. O meu trabalho era um pouco de armeiro da organização, aí eu me lembro de ter trabalhado com elas essa questão de montar e desmontar armas.

Eu aprendi a atirar em alguns poucos treinamentos. Mas já a Ana, não. Ela era ousada, eu acho que ela nunca baixou muito a cabeça, não. Ela fez ações de expropriação...

**Vitor Hugo Brandalise:** Um parêntese aqui: “expropriação” é o termo que os guerrilheiros usam pra quando eles se apossam dos bens de uma pessoa ou instituição. A lógica é que eles “expropriam”, retiram a propriedade, pra depois – quando a revolução chegar – devolver algo melhor. Eles faziam um discurso explicando isso, antes de retirar os bens.

**Amparo:** De banco, de empresas e também muita expropriação de carro.

**Vitor Hugo Brandalise:** Que que você lembra, assim, da personalidade dela? Como é que ela era como pessoa?

**Amparo:** Olha, Ana Maria era uma pessoa muito leve. Inteligentíssima. Eu me lembro que quando a gente estava estudando os textos teóricos, ela meio que puxava as discussões. E foi muito bom conviver com ela, foi uma irmã. Ah, teve uma coisa que nós fizemos juntas que eu acabei de me lembrar, a gente pintou os cabelos. Ela era loira, ela pintou de preto. Eu algumas vezes pinte de louro. [risos] E ela tinha olhos claros, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Uhum. Sim.



**Vitor Hugo Brandalise:** Olhos claros. Esse detalhe tá no documento que a Ana Maria usava com o nome da Sonia. É uma das diferenças entre os dois documentos: no original, o da Sonia, tem lá: “cor dos olhos: castanhos”. No da Ana Maria, aparece “azuis”.

A Amparo estava me ajudando a conhecer o lado de dentro de um aparelho da ALN, e também a conhecer Ana Maria. Mas o que eu não esperava é que ela ia poder mostrar um outro ângulo dessa história.

**Amparo:** Eu cuidava de providenciar a documentação pra todas as pessoas que precisavam.

**Vitor Hugo Brandalise:** Por essa eu não estava esperando.

**Amparo:** Eu assinava por tudo quanto era autoridade. [risos] De secretário de segurança, tudo. Fabricava os documentos em casa e as histórias, e depois tinha que esquecer rapidamente, esquecer a foto que eu tinha colocado.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu adoraria poder te dizer que foi assim, por acaso, que eu descobri que tinha sido a Amparo quem fez a identidade pra Ana Maria Nacinovic, com o nome da Sonia Maria Sampaio Alem. Mas não foi ela. Ela só começou a mexer com documentos no ano seguinte. A cronologia não bate.

Mas a Amparo podia ajudar a entender como é que o documento da Sonia tinha ido parar nas mãos da ALN.

**Amparo:** Na verdade é assim: tinha duas formas. Teve algumas expropriações de locais que emitiam documentos, e eram preservados ao máximo. Pronto, posto que emitia a carteira de trabalho, que naquela época era em meio físico, não é? Postos das Secretarias de Segurança, que emitia a carteira de identidade, postos que emitiam título de eleitor, esse tipo de...

**Vitor Hugo Brandalise:** Quer dizer: os militantes da ALN “expropriavam” documentos com dados quentes das pessoas físicas e depois usavam esses dados pra produzir documentos falsos.

**Amparo:** Mas tinha um outro meio que a gente usou muito, principalmente quando os tempos ficaram mais difíceis, que era assim:

tinha um grande evento, tipo carnaval, onde o povo perde muito documento. Então as pessoas assim, inocentes feito eu, certo? Assim, me aprontava bem direitinho, me organizava, penteava o cabelo. Né? Escondia bem o revólver. E aí a gente ia nesse local, e a gente tinha as mãozinhas leves. A gente desenvolveu essa habilidade.

**Vitor Hugo Brandalise:** Quando a gente pensa empositor ao regime militar, a gente pensa no Chico Buarque compondo canção de protesto, pensa em guerrilheiro... não pensa em gente dando batida na seção de achados e perdidos do desfile de carnaval.

**Amparo:** Aí a gente ia subtraindo os documentos. Aí, chegando em casa, a gente usava toda uma tecnologia para tirar a plastificação. E depois tirar a foto e substituir a foto e plastificar de novo. A gente tinha uma maquininha de plastificar.

**Vitor Hugo Brandalise:** Nas pastas do DOPS, (o Departamento de Ordem Política e Social, que ficam guardadas no Arquivo Público de São Paulo), tem uma lista de lugares de onde a ALN teria subtraído documentos e equipamentos: cartórios, postos do ministério do Trabalho, delegacias, papelarias, escolas privadas...

Eles levavam almofadas de carimbos, rolos pra tirar impressão digital, e qualquer documentação que tivesse nos lugares, de carteira de trabalho em branco a título de eleitor e carteira de motorista.

**Amparo:** Já as assinaturas das autoridades, a gente tinha, assim, tipo um caixote com um vidro em cima. Transparente, então a gente colocava a assinatura da autoridade embaixo e a gente fazia... Tinha que fazer muitas e muitas vezes até ficar o máximo parecido, né. Exigia muita habilidade manual. Você tinha que olhar o documento, ou um documento do jeito que ele saía de lá oficialmente, e fazer exatamente igual.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ou seja: com os dados na mão, eles usavam um formulário em branco – um “espelho” – e preenchiam. Agora: como eles tinham tido acesso especificamente aos dados da Sonia, a Amparo não podia me responder.

Mas um outro ex-guerrilheiro tinha uma hipótese. Um cara que conheceu bem a Ana Maria...

**Ivan Seixas:** Participei de uma joalheria que a gente fez juntos. Ela que comandou, inclusive, a minha equipe. E uma que foi a minha iniciação, que foi a queima de uma radiopatrulha.

**Vitor Hugo Brandalise:** E esse cara conhecia também... Ibitinga.

**Vitor Hugo Brandalise:** Isso tudo aconteceu em Ibitinga...

**Ivan Seixas:** Que só é conhecida porque tem os bordados de Ibitinga.  
[risos]

**Vitor Hugo Brandalise:** Esse é o Ivan Seixas.

**Vitor Hugo Brandalise:** Você conhece Ibitinga e o bordado de Ibitinga? [risos]

**Ivan Seixas:** Não, eu conheço o bordado de Ibitinga, só por isso [risos]. Eu sempre brinco com as pessoas que na época toda organização que não fosse reconhecida pela ditadura podia ser enquadrada na Lei de Segurança Nacional – fosse o Movimento Revolucionário Tiradentes, ou fosse a Associação das Bordadeiras de Ibitinga. Eu sempre falei isso, agora você vem me falar... [risos]

**Vitor Hugo Brandalise:** O Ivan Seixas fez parte do Movimento Revolucionário Tiradentes, que compunha com a ALN uma frente de combate à ditadura.

**Ivan Seixas:** Uma frente armada, que chamava, a frente Armada Revolucionária.

**Vitor Hugo Brandalise:** Cabe dizer que as bordadeiras e as normalistas de Ibitinga não faziam parte dessa frente.

**Ivan Seixas:** Olha, a Ana ela era uma figura extremamente carinhosa com todo mundo. Por eu ser um moleque de 16 anos, ela tinha um carinho maior, então ela sempre chegava e me abraçava... aquele jeito de carioca, muito simpático: “Como é que você está?”. Então eu acho que era uma das pessoas mais delicadas e cuidadosas com os outros que eu conheci. Dentro daquela situação, que era uma situação limite o tempo inteiro. Então, você via aquela mocinha loirinha, bonitinha... E de repente você via, ela era um gigante com uma metralhadora na mão. Havia muito respeito.

**Vitor Hugo Brandalise:** Naquela altura, só a presença da Ana Maria já provocava um efeito sobre os companheiros.

**Ivan Seixas:** Quando falavam: "A Betty vai estar na ação", você sabia... "a Betty está" é sinal de que está seguro. Porque uma ação

armada, ela tem uma característica que é inimaginável nos dias de hoje: você coloca a sua vida na mão do outro. E ela era aquela pessoa que você diz assim: "Ah, a Betty está, então não tem por que temer". A Betty era A Betty.

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas pouco tempo depois das ações com a Ana Maria, a história do Ivan na ditadura mudou.

Ele tinha 16 anos quando ele foi capturado, junto com o pai dele, o Joaquim Alencar de Seixas, e eles foram levados pro DOI-CODI, o principal centro de tortura da ditadura. Pai e filho foram torturados juntos. E o Ivan pôde ouvir o momento em que o pai dele foi morto. De repente, os gritos pararam.

O Ivan Seixas virou pesquisador. Ele é especialista em documentos produzidos no período da ditadura. Faz quase 40 anos que ele pesquisa. Mas ele nunca tinha ouvido uma história como a da Sonia, da Valéria e da Ana Maria – de uma pessoa, de um "civil comum" cuja identidade tinha sido usada por um militante, e que agora queria conhecer as engrenagens da guerrilha.

**Ivan Seixas:** Rá, que história fantástica!

**Vitor Hugo Brandalise:** O Ivan quis me ajudar a desvendar esse mistério.

Ele me contou que a partir de 1970, a ditadura apertou o cerco contra a guerrilha, e também no que diz respeito à documentação.

**Ivan Seixas:** Se você estivesse andando na Praça da Sé, eles fechavam a Praça da Sé inteirinha, cercavam, e todo mundo que estava ali dentro era revistado e pedido o documento. E era depender de vida ou morte...

**Vitor Hugo Brandalise:** Os militares passaram a conferir com mais atenção os documentos – inclusive as impressões digitais, o que eles não faziam anos antes.

**Ivan Seixas:** Se você não batesse a sua impressão digital com aquilo, você tava em cana.

**Vitor Hugo Brandalise:** Então esse processo precisou ficar mais elaborado – em especial se fosse pra conseguir documentos pra pessoas visadas, como a Ana Maria. Pra conseguir um documento pra ela, o processo podia ser mais complexo do que as expropriações ou a busca nos achados e perdidos.

**Ivan Seixas:** Aí a militância teve que inventar outro jeito pra não ser apanhado dessa forma. Não era nem falsificação. Era você nascer de novo. Você ia para uma cidade do interior e chegava lá, assim, bem longe. Chegava no cartório, falava: "Eu nasci aqui..."

**Vitor Hugo Brandalise:** A pessoa chegava no cartório, dizia: "Eu nasci aqui, no dia tal, mas meus pais se mudaram". Ela convencia o atendente a mostrar o livro de registros, com a lista das pessoas que nasceram em datas próximas do tal dia... e apontava um nome. "É esse, sou eu". E aí pedia uma segunda via da certidão de nascimento – ou de casamento, se visse no livro que isso existia também.

**Ivan Seixas:** Aí o cara dava a segunda via...

**Vitor Hugo Brandalise:** Com a segunda via, dava pra tirar os documentos nos órgãos públicos. E enganava o sistema por dentro – usando a estrutura do próprio sistema.

**Ivan Seixas:** E aí você nascia ali, você tinha uma segunda identidade, que você nascia a partir desse momento.

**Vitor Hugo Brandalise:** Mas era simples assim? Quer dizer: vai no cartório e pede, assim? Era fácil assim desse jeito?

**Ivan Seixas:** Até hoje, se você for, você consegue. Depois é que, mais recentemente, que começou a ter questão de juiz e tal... mas no interiorzão é bem mais sossegado.

**Vitor Hugo Brandalise:** Pro Ivan, foi isso que aconteceu com a Ana Maria e com a Sonia. Foi assim que as vidas delas se cruzaram.

**Ivan Seixas:** Começou-se a fazer esse tipo de recomendação. "Vai para o interior..."

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu imaginei a cena. A Ana Maria Nacinovic recebe a orientação pra ir pro cartório de uma cidade do interior; e ela escolhe Ibatinga – a capital do bordado –, perto de Ribeirão Preto, que era reduto da ALN.

A gente já viu como ela era habilidosa no trato com as pessoas: convencer um atendente de cartório não devia ser uma tarefa difícil pra Ana Maria.

**Ivan Seixas:** E aí o cara deu o livro pra ela olhar. Provavelmente foi isso.

**Vitor Hugo Brandalise:** Ela vê o livro de registros, escolhe o ano de 1947 – ano em que ela nasceu e em que a Sonia nasceu. Ela aponta pro atendente aquele nome: “Sonia. Sou eu.”

Tem um jeito de comprovar isso: todo cartório tem um registro das datas de retirada de segunda via de um documento.

**Ivan Seixas:** Vai no cartório ou liga pro cartório e pergunta.

**Vitor Hugo Brandalise:** No início de 1970, alguém tirou uma segunda via de algum documento da Sonia? Se tiver marcado lá, acabou-se o mistério.

**Ivan Seixas:** Provavelmente a Ana Maria fez isso.

**Vitor Hugo Brandalise:** Agora: tem um detalhe sobre o nome “Sonia” – que eu achava que era só uma coincidência, mas que a conversa com o Ivan me fez repensar.

A Valéria não tinha como lembrar com detalhes do que ela viu na TV naquela noite em 1972, mas o massacre na Mooca foi assim: A Ana Maria estava num restaurante chamado Varella, que ficava numa esquina com a rua da Mooca. Estavam ela, o Iuri Xavier Pereira, o Marcos Nonato da Fonseca e o Antônio Carlos Bicalho Lana, todos do comando da ALN em São Paulo, fazendo uma reunião de coordenação.

Quando o encontro terminou, e eles estavam saindo do restaurante, eles foram surpreendidos por sete agentes do Exército e da PM<sup>2</sup>, e por uma saraivada de tiros de submetralhadora. Era mais uma emboscada.

A Ana Maria, o Iuri e o Nonato foram baleados e caíram. Ainda hoje não se sabe com certeza se eles morreram ali mesmo, ou se foram levados pro DOI-CODI e torturados antes de serem mortos.

O Antonio Carlos Bicalho Lana foi baleado na perna, mas mesmo assim conseguiu escapar – ele foi morto no ano seguinte também por agentes do Exército brasileiro.

---

<sup>2</sup> Peguei o número de agentes do livro A Casa da Vovó, pg. 46.

A Ana Maria tinha 25 anos quando foi assassinada, o Iuri Xavier Pereira tinha 23, e o Marcos Nonato da Fonseca tinha 19.

Na bolsa da Ana Maria, os agentes da ditadura encontraram os documentos falsos dela – inclusive uma carteira de identidade, com o nome de Sonia Maria Sampaio Alem.

O corpo da Ana Maria então foi levado pro IML de São Paulo. Ela podia ter sido enterrada como indigente, como acontecia com alguns opositores do regime. Ou podiam ter dado um sumiço no corpo dela, como muitas vezes fizeram. Mas, nesse caso, a família Nacinovic soube da morte pelos jornais e pediu autorização pra transportar o corpo da Ana Maria pro Rio de Janeiro, pra ser enterrada no jazigo deles.

Os militares pediram pra algum familiar ir pessoalmente no prédio do DOPS, pra uma entrevista. E a pessoa que se deslocou do Rio pra São Paulo não foi o pai, não foi a mãe dela. Foi uma tia da Ana Maria. A Sonia, a tia Sonia. Sonia Nacinovic.

**Vitor Hugo Brandalise:** Pode ser uma tia querida dela.

**Ivan Seixas:** Provavelmente, até para ela usar o nome de Sonia também.

**Vitor Hugo Brandalise:** E aí faz sentido você escolher um nome que seja o nome de quem você tem apreço, que tem carinho, por exemplo, uma tia querida?

**Ivan Seixas:** Tem vários companheiros que usavam o nome de guerra de um tio, de um irmão. Porque é mais fácil de lembrar também, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Essa questão afetiva conta, então.

**Ivan Seixas:** Ah, sim, lógico.

**Vitor Hugo Brandalise:** O palpite deles é que a Ana Maria esteve em Ibitinga no cartório e pediu uma segunda via e escolheu o nome da sua mãe.

**Valéria:** Nossa! Meu Deus! [risos] Aí é demais, hein, Vitor?

**Vitor Hugo Brandalise:** E tem como checar isso. O Ivan, ele disse que todo o cartório faz um registro dessas movimentações.

**Valéria:** Eu tenho como pesquisar isso aqui. Eu não consigo tirar da minha cabeça que ela veio aqui para pegar um documento no cartório.

**Vitor Hugo Brandalise:** Pra mim também, quando ele falou!

**Valéria:** O que move mesmo pra mim isso aí é essa curiosidade de ter coincido com o nome da minha mãe.

**Vitor Hugo Brandalise:** E agora, talvez não seja coincidência. A gente tava falando da tia Sonia, né...

**Valéria:** Aah! Nossa, Vitor. Ai, agora eu me emocionei, juro mesmo. Ai, por que é claro. Se essa tia foi a única que foi atrás de ajudar, de buscar o corpo dela, meu Deus. Essa tia era o colo dela, Vitor. Essa tia era o colo da Ana Maria.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Valéria já tinha criado toda uma história. E, movida pela emoção, ela foi o quanto antes pro cartório.

**Valéria:** Houve um incêndio no cartório aqui de Ibitinga, então muita coisa se perdeu.

**Vitor Hugo Brandalise:** Claro que ia ter um incêndio no cartório nessa história. Um fogaréu pra queimar a papelada toda. E pior que teve mesmo: foi em 1980, tá nos jornais e tudo.

Então não dava pra comprovar por aí a hipótese da Ana Maria em Ibitinga convencendo o atendente. O problema é que eu gosto dessa hipótese. A Valéria também gosta, até se emociona.

Então eu busquei – busquei muito – outros dados pra confirmar ela. Eu passei um bom tempo cruzando datas e entrevistando mais gente – pra concluir que não, ela não bate. Por uma razão que agora parece simples: na carteira de identidade da Ana Maria com o nome de Sonia tem uma data: 7 de janeiro de 70. Se a Ana Maria tivesse seguindo o processo de "nascer de novo", ela teria que ter ido pessoalmente emitir o RG em São Paulo... no caso, no dia 7 de janeiro de 1970. Mas duas pessoas – que estiveram com ela – me deram certeza de que nesse dia ela estava no Rio. Então não era isso.



Descartar hipóteses também faz parte. Pelo menos agora tava comprovado: aquele documento não era quente, não foi feito em cartório nenhum – era totalmente falso mesmo. Feito na cozinha da ALN, por gente tão habilidosa quanto a Amparo Araújo.

Nesse ponto da história de detetive, todas as pistas começam a convergir e a formar uma figura. Com o que eu tinha, já dava pra vislumbrar a solução do mistério. A hipótese mais provável, no fim, veio lá de Ibitinga. Da própria Sonia e do marido dela, o Eduardo.

Lembra que a Valéria notou que a identidade da mãe dela – a que ela usa até hoje – tem uma data de abril de 1970? Aí sim, bate certinho: é justamente quando a Ana Maria tava chegando a São Paulo. Isso eu consegui confirmar: eu falei com o cara que levou ela pra pegar o trem do Rio pra São Paulo, e foi no fim de março, começo de abril de 1970.

No exato momento em que a guerrilheira chega na capital precisando de um documento, uma dona de casa do interior entra na delegacia pra finalmente tirar a sua identidade. Os dados dela são enviados pra capital, e aí...

**Vitor Hugo Brandalise:** Então pode ter sido no trânsito, vocês acham?

**Sonia e Valéria:** Pode ter sido no trânsito.

**Eduardo:** E tinha alguém infiltrado lá, viu. Comparsa dela. Pode ser isso, porque no mesmo ano, na mesma época, ela pega a identidade da minha mulher... só pode ser isso.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu tinha visto em alguns textos que a ALN tinha gente infiltrada na polícia – uma herança do Partido Comunista, num esquema que funcionava fazia décadas. Era esse infiltrado, então, que ia poder confirmar pra gente? E tinha mesmo esse esquema?

**Guiomar:** Isso com certeza.

**Vitor Hugo Brandalise:** Quem confirmou pra mim foi alguém que usou os serviços desse cara.

**Guiomar:** Isso eu tenho certeza, que eram pessoas que traziam documentos como esses impressos legais, que tinha dentro da polícia.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Guiomar Silva Lopes, uma das principais lideranças da ALN em São Paulo naquele período. Ela era conhecida como “Comandante Maria”, e teve à frente do tal rearranjo de forças que teve que ser feito depois da morte do Marighella.

**Guiomar:** Foi um tsunami na organização, claro. Então essa coisa da documentação era essencial, precisava ter uma coisa muito ágil, para que essas pessoas não ficassem sem documentação.

**Vitor Hugo Brandalise:** Então tinha mesmo gente nas instituições infiltradas que podiam trazer esses documentos?

**Guiomar:** É, exatamente. E ele tinha acesso aos formulários, às coisas da polícia.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu me animei, é claro, eu quis tentar falar com esse cara. Mas a Guiomar me jogou um balde de água fria.

**Guiomar:** Eu não fiquei sabendo o nome verdadeiro. Eu não sei se essa pessoa foi presa ou não. É possível que não tenha sido presa e ninguém sabe. Eu já conversei com várias pessoas e ninguém sabe dizer quem era essa figura. Essa pessoa desapareceu. Não foi identificada. Ainda bem, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Claro. É tudo o que a gente espera pra um anônimo que, de dentro de um regime autoritário, apoia uma organização clandestina. Que ele suma. Ainda bem.

Agora a gente sabe que o documento da Ana Maria foi feito pelo setor de documentação da ALN com dados da Sônia *possivelmente* vindos de dentro da polícia. Mas ainda tinha uma última coisa pra esclarecer. A tia Sonia, a Sonia Nacinovic, era mesmo uma tia querida da Ana Maria?

Claro que, não conseguindo chegar nessa fonte primária – alguém que trabalhou diretamente na produção desse um documento falsificado – não dá pra cravar nada. A gente tá no terreno da hipótese.

E, sim, tem a hipótese bem plausível de que o documento que estava disponível ali na hora pra Ana Maria, dando bobeira na burocracia, fosse, por um acaso do destino, o da Sonia. Sonia que por pura coincidência, é também o nome da uma tia. Que calhou de ser a tia que teve peito pra ir pra São Paulo ser entrevistada pelos algozes da sobrinha e trazer o corpo dela de volta pra ser enterrado no Rio.

Mas também não dá pra desprezar – porque vários ex-guerrilheiros com quem eu conversei falaram disso – esse elemento da questão afetiva. A Ana Maria pode não ter tido a oportunidade de escolher o nome “Sonia” entre diversos documentos quentes oferecidos pra ela – eles não tinham esse luxo. Mas quando esse documento com esse nome chegou na mão dela, pode ter sido um conforto – um nome conhecido, talvez até querido, na solidão da vida clandestina.

Será que a tia Sonia foi mesmo um “colo”, pra Ana Maria – como a Valéria imaginou – nos momentos mais difíceis que ela viveu? Só a família Nacinovic podia me responder. E eu confesso que eu hesitei um pouco em procurar algum parente da Ana Maria. Primeiro, porque é um tema doloroso. Segundo, porque eles não costumam falar com jornalistas. Eu não encontrei nenhuma entrevista com ninguém da família desde a morte da Ana Maria, mais de 50 anos atrás. Mas eu tinha que tentar. E aí, depois de alguns “nãos” e de outros silêncios, um deles topou conversar.

**Marcelo Nacinovic:** Eu sou Marcelo Nacinovic, tenho 59 anos, sou arquiteto. Tenho uma filha pequena, moro no Rio de Janeiro, sou casado e torcedor do Fluminense...

**Vitor Hugo Brandalise:** O Marcelo Nacinovic é primo da Ana Maria. Ele tinha oito anos quando ela morreu, ele era bem novo.

**Marcelo Nacinovic:** A memória que eu tenho, foi uma memória de pais de alunos na entrada da escola que eu estudava em Copacabana, no bairro Peixoto, aqui no Rio de Janeiro, e os pais vinham me perguntar se aquela moça que aparecia nos cartazes com o sobrenome Nacinovic era minha parente. E, assim, eu não sabia, eu falava: “É, sim”. Eu falava todo feliz. Porque minha mãe sempre teve uma tendência a achar aquilo interessante, etc, e eu valorizava. E eles olhavam para mim meio horrorizados.

**Vitor Hugo Brandalise:** Você tinha que idade?

**Marcelo Nacinovic:** Eu tinha seis anos.

**Vitor Hugo Brandalise:** Seis anos. A mesma idade que a Valéria tinha quando viu aquele telejornal com a mãe dela.

**Marcelo Nacinovic:** E aquilo me afetava de alguma maneira, tanto que minha filha tem o mesmo sobrenome que eu, hoje ela tem 12 anos, e quando começou essa loucura de governo Bolsonaro, começou uma maluquice, uma perseguição, uma caça às bruxas. E a gente ficou preocupadíssimo: "Meu Deus, por que que eu fui botar o mesmo sobrenome?" Imagina, o nível de preocupação.

**Vitor Hugo Brandalise:** O sobrenome deles – “Nacinovic” – já não estava nos cartazes de “Procura-se” há muito tempo. Mas, de repente – quando a democracia ficou ameaçada de novo –, o Marcelo sentiu como se tivesse.

**Marcelo Nacinovic:** Todos os dias eu falava: "Caraca, eu vou trocar o nome dela". Era uma coisa que... "de novo, eu vou ter que ter essa sensação de estar sendo vigiado, perseguido de alguma maneira", entendeu? Eu tenho uma memória de uma história que me foi contada, que foi o seguinte: a minha tia Sonia foi buscar o corpo da Ana Maria em São Paulo e trazer pro Rio de Janeiro.

**Vitor Hugo Brandalise:** Eu não precisei nem tocar no assunto. O Marcelo já foi falando da ida da tia Sonia pro DOPS de São Paulo, pra buscar o corpo da sobrinha.

**Marcelo Nacinovic:** E aí ela veio numa Kombi. Não sei se era do DOI-CODI ou do Exército, do que fosse, com o caixão, com o corpo da Ana Maria. A minha tia Sonia, e dois soldados, policiais, não sei o que eram. E esses caras vieram, oito horas de viagem, segundo ela, meio que torturando psicologicamente ela. Falando: "Tá vendo, olha lá, foi se meter com a gente", "o que aconteceu com ela pode acontecer a todos vocês", etc, etc. Você imagina ficar oito horas lá com o corpo da sobrinha e com dois policiais, enfim. Pra ela foi um sofrimento terrível. Eu lembro da minha tia Sonia contando essa história.

**Vitor Hugo Brandalise:** A Ana Maria era uma sobrinha querida pra Sonia, a Sonia era uma tia querida pra Ana Maria?

**Marcelo Nacinovic:** Eu acredito que a relação delas fosse muito boa, entendeu? Eu acredito até, a partir disso, que ela possa ter sofrido muito com essa história toda da Ana Maria. Talvez tenha sido a pessoa da família que mais sofreu.

**Vitor Hugo Brandalise:** A sua tia Sonia, ela é viva?

**Marcelo Nacinovic:** Não, todos esses quatro tios já faleceram, todos teriam nessa faixa de 100 anos mais ou menos.

**Vitor Hugo Brandalise:** O Marcelo me contou como ficou a memória da Ana Maria na família deles. Pela dificuldade de falar com eles, já dava pra suspeitar.

**Marcelo Nacinovic:** Não gostam. É um assunto que eu não me incomodo, zero, de falar. Tenho até um certo orgulho de alguma forma. Mas as pessoas não gostam de tratar desse assunto.

**Vitor Hugo Brandalise:** Virou um certo tabu, então?

**Marcelo Nacinovic:** Muito grande, gigante, gigante, muito grande. O pessoal era tudo muito certinho... cada um ali na sua – na sua vida, com seu empreguinho, garantido, público, etc. Era um pessoal muito conservador, então não era uma coisa aceita, assim: “Olha que legal, ela está enfrentando...” Não, o contrário. A maioria era contra aquilo ali, entendeu? Então assim nunca foi passado, porque havia uma vergonha de alguma maneira.

**Vitor Hugo Brandalise:** Uma vergonha que impediu o Marcelo de conhecer melhor a própria história dele.

**Marcelo Nacinovic:** Provavelmente a pessoa mais interessante da minha família. Hoje em dia faz uma falta imensa ter sentado e conversado com essas pessoas quando era possível, né?

**Vitor Hugo Brandalise:** Pelo menos da parte dele, o Marcelo pensa em fazer diferente.

**Marcelo Nacinovic:** Minha filha nunca soube disso, que ela tem 12 ainda. Não vou falar isso pra ela agora. Mas, quando ela for mais velha eu vou comentar, porque ela pode se interessar muito por esse assunto lá na frente.

**Vitor Hugo Brandalise:** Quando eles pegavam o documento de alguém, a vida dela dependia um pouco disso. Que que você pensa disso, de alguém tentar vestir esse personagem, se transformar de alguma forma em você, o que que você pensa disso?

**Sonia:** Eu acho romântico isso. [risos]

**Eduardo:** Sonia, não é pra brincadeira.

**Sonia:** Eu não estou brincando, Eduardo. Não é romântico? Ela era uma bandida pra mim, agora eu estou descobrindo que ela quis vestir um personagem... sei lá se existe ou se é fruto da imaginação. Mas se ela quis vestir, eu acho que é uma coisa que me envaidece.

**MUS - *Eu nunca mais vou te esquecer***

**Moacyr Franco:**

*“Eu nunca mais vou te esquecer”*

**Valéria:** Tá vendo, Vitor, que importante que foi a minha mãe? [risos de Valéria e Sônia]

**MUS - *Eu nunca mais vou te esquecer***

**Moacyr Franco:**

*“Eu nunca mais vou te esquecer*

*Eu nunca mais vou te esquecer, meu amor*

*Eu nunca mais vou te esquecer*

*Eu nunca mais vou te esquecer.”*

---

**Branca Vianna:** Esse foi o Vitor Hugo Brandalise, produtor sênior da Rádio Novelo.

Essa história foi produzida em parceria com o Brazil LAB do Instituto de Estudos Internacionais e Regionais da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos – que é uma iniciativa acadêmica que considera o Brasil um nexó planetário vital. Você pode conhecer mais em [brazillab.princeton.edu](http://brazillab.princeton.edu).

Nosso agradecimento a todas as pessoas que contribuíram para esta reportagem:

Adriano Diogo,  
Amparo Araújo,  
Ana Bursztyn Miranda,  
Carlos Fayal,  
Cidinha Santos,  
Guiomar Silva Lopes,  
Ivan Seixas,  
Leopoldo Paulino,  
Marcelo Nacinovic,  
Maria Cláudia Badan Ribeiro,  
Maximino Filho,  
Reinaldo Morano,  
Robeni Costa,  
Vera Vital Brasil.  
Valéria Alem de Biazzi,

Eduardo Naim Alem  
e Sonia Maria Sampaio Alem.

Obrigada por escutar mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

No post desse episódio no nosso site, dá pra ver o RG da Ana Maria com o nome da Sônia... ou o RG da Sônia com a cara da Ana Maria. Também tem mais bibliografia pra quem quer mergulhar no assunto das mulheres na resistência armada.

Também no nosso site, tem aquela seção “Envie uma pauta”, em que a gente explica quais tipos de histórias se encaixam melhor no formato do Rádio Novelo Apresenta.

Se você ainda não assina nossa newsletter, você tá perdendo excelentes dicas de filmes, livros, receitas, discos, e até contas de Instagram selecionadas pelo time do Apresenta. Dá pra se inscrever lá no site.

E lembrando aqui que os episódios do Rádio Novelo Apresenta são disponíveis nos principais aplicativos de áudio. Você pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

Se você for recomendar ou comentar sobre algum episódio nosso nas redes sociais, marca a gente. Nosso perfil é @radionovelo, tanto no Twitter quanto no Instagram.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Obrigada, e até a semana que vem.